

O Governo da Máquina

Paul
Valéry

TÍTULO ORIGINAL
La Machine gouverne

AUTOR
Paul Valéry

TRADUÇÃO
Pedro Elói Duarte

REVISÃO
João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Rui Silva

PAGINAÇÃO
Rita Lynce

IMPRESSÃO
Europress – Indústria Gráfica

COPYRIGHT
© 2024 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO
Lisboa, Agosto 2024

DL 535622/24
ISBN 978-989-9225-01-5

ORFEU NEGRO
Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º
1250-257 Lisboa | Portugal
www.orfeunegro.org

ÍNDICE

I	Sobre a Inteligência-Faculdade	21
---	---------------------------------------	-----------

II	Sobre a Inteligência-Classe	43
----	------------------------------------	-----------



*Estas observações respondem a
algumas questões formuladas na
Revue de France pelo Sr. Jean Laporte
no âmbito de uma investigação sobre
a Crise das Profissões Liberais.*



Pergunte-se a um indivíduo se haverá uma *crise da inteligência*, se o mundo estará a tornar-se mais estúpido, se haverá uma depreciação da cultura – se as *profissões liberais* estarão em padecimento, se pensam na morte, sentem as suas forças a diminuir, as suas fileiras a reduzirem-se, o seu prestígio a tornar-se cada vez menor, a sua existência cada vez mais ingrata, precária, limitada...

No entanto, se estas questões surpreendem o indivíduo que está muito afastado delas, ele tem de se reerguer, virar-se para elas, despertar dos seus outros pensamentos e esfregar os olhos do espírito, que são as palavras.



«Crise?», pergunta-se logo ele. Mas, então, o que é uma crise? Definamos este termo! Uma crise é a passagem de um certo regime de funcionamento para um qualquer outro; uma passagem que se torna visível por meio de sinais ou sintomas. Durante uma crise, o tempo parece mudar de natureza, a duração deixa de ser sentida como no estado normal das coisas: em vez de medir a permanência, mede a variação. Qualquer crise implica a intervenção de «causas» novas que perturbam um equilíbrio móvel ou imóvel que existia.

Como ajustar à noção de *inteligência* a ideia de *crise* que definimos em poucas palavras?

Cada um se serve do espírito que possui. Um operário serve-se do seu, *a partir do seu*

próprio ponto de vista, tanto como qualquer outro, seja filósofo ou geómetra. Se os seus discursos nos parecem grosseiros e demasiado simples, os nossos são-lhe estranhos ou absurdos; cada um de nós é um operário para alguém.

Como poderia ser de outro modo? Qualquer indivíduo, de resto, por vezes sonha ou embriaga-se, ou faz as duas coisas; e tanto nos seus sonhos como na embriaguez, a mistura das suas imagens e a liberdade das suas combinações *inúteis* fazem dele um Shakespeare numa medida desconhecida e incognoscível. Este operário, arrasado pelo cansaço ou pelo álcool, torna-se teatro dos génios.

No entanto, dir-se-á, ele não sabe servir-se disso.

Mas isso é dizer que ele é operário a partir do nosso ponto de vista, ainda que um Shakespeare a partir do seu próprio ponto

de vista. Só lhe falta, ao despertar, conhecer o nome de Shakespeare e a noção de literatura. Ignora-se enquanto inventor.



Vivemos segundo noções muito vagas e muito grosseiras, que, de resto, vivem de nós. Aquilo que sabemos, sabemo-lo pela operação daquilo que não sabemos.

Necessárias e até suficientes para o movimento rápido das trocas de pensamentos, não há, porém, uma única destas noções imperfeitas e indispensáveis que suporte ser considerada em si mesma. A partir do momento em que o olhar se concentra numa delas, vê logo uma confusão de exemplos e de usos muito diferentes, que nunca conseguimos resolver. Aquilo que, de passagem, era claro e tão facilmente *compreendido*

torna-se obscuro quando o fixamos; o que era simples decompõe-se; o que estava conosco fica contra nós. Uma pequena volta num misterioso parafuso modifica o microscópio da consciência, amplia a nossa atenção durante o tempo suficiente para aparecer a nossa confusão interior.

Insistamos, por exemplo, mesmo que muito pouco, em substantivos como *tempo*, *universo*, *raça*, *forma*, *natureza*, *poesia*, etc., e veremos como se dividem ao infinito e se tornam inapreensíveis. Pouco antes, serviam-nos para nos entendermos; agora, transformam-se em ocasiões para nos confundirem. Estavam insensivelmente unidos aos nossos desígnios e à nossa acção como membros tão dóceis, que os esquecemos, mas a reflexão opõe-nos a eles, transforma-os em obstáculos e em resistências. Dir-se-ia, na verdade, que as palavras em movimento e em combinação

são coisas completamente diferentes das mesmas palavras inertes e isoladas!

Esta propriedade geral e tão notável dos nossos instrumentos de pensamento engendra quase toda a vida filosófica, moral, literária e política, ou seja, uma actividade tão vã quanto se quiser, mas também tão útil quanto se quiser para o desenvolvimento da subtilidade, da profundidade e das acções próprias do espírito. Os nossos entusiasmos e os nossos antagonismos dependem directamente dos vícios da nossa linguagem; as suas incertezas favorecem as divergências, as objecções e todas as trocas de golpes dos lutadores intelectuais. Felizmente, impedem que os espíritos alguma vez cheguem a descansar... Podemos ver, ao folhearmos a história, que uma disputa que não seja irresolúvel é uma disputa sem importância.